

DEPARTAMENTO DE LETRAS

**CAMINHOS DA PAIXÃO E DO AMOR
NA LITERATURA PORTUGUESA**

Regina Michelli (UERJ e UNISUAM)

Amor é um fogo que arde sem se ver.
LUÍS DE CAMÕES

O amor é uma companhia.
FERNANDO PESSOA

Um trabalho de pesquisa pressupõe uma certa inquietação interna. Aqui, o interesse pessoal direciona-se ao estudo das relações humanas, em particular o amor. É fácil entender o porquê de se investigar este tema. Em primeiro lugar, Eros é um dos deuses mais antigos, força motriz da própria vida, gerador de vida. O homem de todos os tempos vive às voltas com este sentimento. Cada época construiu uma imagem mental do amor, configurando um horizonte de possibilidades e de interdições. Na literatura o amor fervilha entre versos e personagens, sendo quase impossível não o perceber nas páginas impressas de grandes escritores.

O homem contemporâneo vive as constantes mudanças de seu tempo. É um homem em crise, questionando valores e existência. Considerando que o amor é um sentimento universal e habita o coração dos seres desde sempre, mas se modifica com e como o próprio homem - talvez por isso a dificuldade de aprisionar este sentimento em definições reducionistas -, que amor o homem do século XXI deseja, como vivê-lo de forma mais plena e enriquecedora, capaz de gerar felicidade para os amantes?

Para responder a estas indagações, encontra-se no berço da mitologia dois pares que simbolicamente expressam o percurso amoroso, aqui circunscrito à análise de textos da Literatura Portuguesa. Vênus e Marte representam a vivência da paixão avassaladora, da sedução envolvente capaz de romper os interditos sociais. Eros e Psique, a expressão do amor, conjugando a realização carnal com o encontro espiritual, amor publicamente assumido e abençoado pelos

deuses no Olimpo. Para se entender o amor de hoje, torna-se necessário refazer as andanças humanas por esse território tão fluido, percorrer o caminho de nossos ancestrais. Como já disse Fernando Pessoa, através de Álvaro de Campos, o passado é todo o presente e todo o futuro. O homem é um ser na História e é um ser de histórias; nelas encontramos a fonte para entender o próprio homem.

A Idade Média, momento em que surge a Literatura Portuguesa, presenteia-nos com variados textos, como as cantigas trovadorescas e a poesia palaciana. Nas cantigas de amor, respira-se a idealização intelectualizada da mulher, reverenciada como verdadeira deusa, provável resquício da Grande Deusa celta em meio ao culto à Virgem Maria. Assiste-se à paixão por uma Senhora inacessível a quem o trovador rende a homenagem de vassalo, lançando-se aos pés de tão perfeita dama. Instala-se a *coita*, o sofrer pelo amor, configurando-se a morte ou a loucura como soluções para esse ser subjugado por sua *domina*. A figura feminina é colocada em um pedestal e em tal lugar deve obrigatoriamente permanecer. Este comportamento ainda hoje se acha presente nos relacionamentos humanos. Quando nos apaixonamos, geralmente o fazemos por uma imagem de perfeição por nós criada. O outro se distingue dos reles mortais, se mais não for, por algum detalhe que desperta a admiração. A convivência – a rotina – mostra o ser real que se esconde sob a face da idealização, advindo muitas vezes o sentimento de frustração por o outro deixar de ser o que imaginávamos. Assim, a figura feminina das cantigas precisa permanecer no pedestal, completamente distante da mulher real, com virtudes e defeitos. Nas cantigas de amigo, de cunho popular, a voz feminina ecoa pelos versos, proclamando a reciprocidade amorosa ou o afastamento do amado, administrando mais “naturalmente” o desejo e a sua possibilidade de realização. A moça dirige-se à mãe, à irmã, às amigas ou à própria natureza, dividindo mágoas e júbilos através de uma linguagem que evidencia a singularidade da alma feminina juvenil e celebra a própria vida através de histórias de mulheres enredadas com a paixão. As cantigas de escárnio e de maldizer desvelam a face repudiada da mulher, reverso das cantigas de amor. Aparece aqui a mulher velha, feia, prostituída, degradada física e moralmente, alvo do escárnio masculino. Essas cantigas, ao desnudarem as relações de índole estritamente sexuais, abdicam da aura dignificante que o amor concede. Na poesia palaciana avulta

DEPARTAMENTO DE LETRAS

o desafio de quem se qualifica como o melhor amador diante de sua amada. A medida, a dor. Assim, o melhor amante configurar-se-ia como aquele que sofre calado, resguardando a sua dor da publicidade alheia, ou aquele que a proclama aos quatro ventos, lamentando-se da incorrespondência feminina? No âmago da disputa, o *cuidar*, assinalando a face introspectiva do homem, e o *suspirar*, a extroversão humana.

Em Camões, a paixão presentifica-se no texto épico na própria atuação exuberante de Vênus, a mestra experta, cuja ação é já apaixonada. Vênus é a grande deusa com pleno domínio de sua feminilidade e de sua sensualidade. É sedutoramente bela e inteligente, sabendo articular seus atributos a fim de conquistar o outro, subjugar-lo a seu império, a seus desígnios. Seduz física e psicologicamente o pai dos deuses, Júpiter, com o objetivo de obter seu apoio para a causa portuguesa. Prepara a Ilha dos Amores, palco do encontro amoroso entre as ninfas e os nautas portugueses, preocupando-se com os mínimos detalhes, criando um cenário para o encantamento dos sentidos e para o deleite espiritual. A Ilha é espaço de libertação, espaço de vigência da paixão, assinalando a existência de um tempo de felicidade distante do viver cotidiano, sobrevivência do prazer através da aventura, da festa. Ainda n' *Os Lusíadas*, há o amor-paixão de Inês e Pedro, enriquecendo a História de Portugal com lendas que o povo até hoje repete. Se agora é tarde e a Inês é morta, foi exatamente a sua morte que fez com que o amor transcendesse suas contingências e superasse os séculos. Inês é a pobre vítima do amor frente aos horizontes estreitos do poder político masculino.

No Romantismo, o amor vem à cena principal, via de regra avassalador, conduzindo à felicidade, quando abençoado pela sociedade, ou à loucura e à morte, únicas soluções possíveis ao par amoroso que ousa desafiar a ordem estabelecida, recuperando a coita medieval. Observa-se a fidelidade à eleição, consagrando-se o amor para sempre, independente da possibilidade de um final feliz com o objeto eleito. Os impedimentos de ordem sexual persistem, projetando este sentimento no espaço da idealização. O que vive nas páginas romanescas é a paixão, caracterizada pelo sonho, pela angelitude feminina, pela imagem idealizada, fixação no outro muitas vezes mal vislumbrado na realidade, amor-paixão alimentado pela dificuldade. Em *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano, as imposições pa-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ternas afastaram inicialmente Eurico de Hermengarda, depois irremediavelmente separados pelo sacerdócio em que se refugiara Eurico, tentando esquecer a amada. Em *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, as rivalidades paternas também inviabilizaram o amor de Simão e Teresa, conduzindo os amantes a um desfecho trágico. A paixão é o móvel pelo qual as personagens pautam seus comportamentos. Em *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, o amor parece não ter mais lugar nesse novo tempo de barões e papéis. Carlos, fruto do idealismo romântico, vivencia a paixão de estar envolvido por alguém ou por uma causa, dividido entre o amor de Joaquina e o de Georgina. Carlos é homem, com todos os méritos e fraquezas inerentes à sua condição humana, personagem apresentando já uma índole realista, que o projeta - e o amor - no vazio, na falta de um ideal a alimentar o próprio eu, falhando no amor.

O romance *A queda dum anjo*, de Camilo Castelo Branco, estabelece a transição entre o Romantismo e o Realismo, oferecendo uma análise do comportamento humano que subjaz a estas duas correntes literárias. A queda do Romantismo consuma-se através da falência do Calisto-anjo puro, insensível aos prazeres mundanos, mas já anacrônico, e da ascensão do Calisto-homem, adúltero, interesseiro, perdulário, mas integrado em uma sociedade cujo comportamento pauta-se, na prática, por esses atributos. O tratamento dispensado ao amor segue percurso igual ao do título. O idealizado amor-paixão romântico sofre um irônico ataque do narrador, sem que este, entretanto, anule ou rejeite o sentimento amoroso. A união com Ifigênia consagra a supremacia do amor natural e espontâneo, que ousa romper com o código moralizante e se impõe à sociedade, harmonizando dois seres afins.

O Realismo decreta a falência do idealismo romântico, oferecendo a sua antítese, o racionalismo, sem consumir a síntese enriquecedora entre razão e emoção. O amor-paixão romântico passa a ser visto como uma doença, degenerescência da alma, provavelmente rejeitado pela excessiva pieguice que o cercava. Esse obliteramento do amor, substituído pelo prazer dos sentidos, pode ser observado n' *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queiroz. A personagem principal, Gonçalo Ramires, “o mais genuíno e antigo fidalgo de Portugal”, não vive uma história de amor, o que evidencia a posição secundária de tal sentimento. O amor é negado à medida que não evo-

DEPARTAMENTO DE LETRAS

lui para a felicidade de uma união estável, terminando de forma trágica, como na história de Violante e Lopo, ou abortado, sem aparente explicação, como acontece com o namoro de Graça e André, estratégia pedagógica que adverte para os males causados por ele. Reforçam o exílio do amor todos os casamentos movidos pelo interesse, condicionados pela razão, levando ao estabelecimento do matrimônio como um contrato entre as partes interessadas. Eça começa a indiciar que o perfil romântico da mulher lânguida, sentimental e frágil não mais atende ao homem daquela época, provavelmente carecendo mais de uma companheira que de uma deusa. O amor-paixão transforma-se em ameaça ao equilíbrio vital na condução de um viver em sociedade. Não há espaço para o encontro efetivo de Vênus e Marte, o amor-paixão não deixa de existir, mas é sufocado, perdendo seu vigor.

A modernidade vive a crise do sujeito, que se perde nos meandros do mecanicismo, do progresso, da sexualidade, da aparência, apontando os descaminhos que envolvem a relação amorosa. João Eduardo e Luísa, em *O homem disfarçado*, de Fernando Namora, e Osório e Maria José, em *Enseada amena*, de Augusto Abelaira, evidenciam a dificuldade de diálogo devido à falta de clareza interna. Buscam o outro, mas se perdem no encontro. Não conseguem estabelecer relações verdadeiramente duradouras e sinceras, porque carecem principalmente do encontro com o próprio eu. Terminam projetando no outro a responsabilidade de conferir um sentido à vida - falta a João Eduardo e Osório empreender o caminho em direção à própria alma, imersos na busca de ascensão social, de poder, de sexo, de aventura. Não vivenciam mais o ardor da paixão de Vênus e Marte, nem efetuam as bodas de Psique e Eros. Tempo labiríntico.

A poesia de Miguel Torga e a obra *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, configuram-se como modelos de respostas possíveis ao homem contemporâneo em seu anseio de amor. Celebram o casamento de Psique – a alma – com Eros - o amor, num movimento que requer inicialmente o mergulho na própria interioridade para depois efetivar o encontro com o outro, entretecendo descida e ascensão, reclusão e abertura.

Miguel Torga exercita uma consciência crítica e afetiva que o impele a conviver com sua face bifronte: desce ao inferno da interio-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ridade, tal como Psique, buscando o autoconhecimento para conjugá-lo a seu profundo amor a todos os seres, amor telúrico, amor humano, amor de Eros, o deus também da vida. Torga é poeta do *sagrado*, articulando o bem e o mal, a agonia e a luta contra tudo e todos que possam toldar sua busca de definição humana, homem insubmisso, poeta rebelde, no fundo solidário, mas também solitário, a desassossegurar a humanidade.

Ensaio sobre a cegueira ratifica a trajetória de Miguel Torga. A humanidade – completamente cega a valores essenciais – caminha para o caos. Um novo mundo precisa surgir dos escombros das cegueiras que habitam o homem, como o egoísmo, a busca de dinheiro e poder a qualquer preço, o conformismo, a alienação. Apenas uma mulher, justamente a mulher de um médico oftalmologista, não cega. Ela é o modelo humano oferecido, aquela que verdadeiramente distingue o essencial do acidental na relação com seu marido e com os outros. Exatamente por ter uma visão lúcida, não se permite o egoísmo de pensar em si e se resguardar do contágio, nem se envaidece pela visão preservada, antes fardo que prêmio. Mantém-se sempre solidária sem, entretanto, abdicar de sua pequena medida humana, frágil também em sua dor, carecendo do outro, mesmo que cego. A marca da superioridade em suas ações expressa-se pela humildade de seus gestos amorosos, capazes também de matar aquele que morto já se encontrava na relação com seus semelhantes. O amor que ela e seu marido sentem um pelo outro faz com que se sintam realizados, aconchegados, por terem sempre um parceiro com quem dividir sentimentos e necessidades. A obra focaliza o amor que sobrevive ao tempo porque outras são as suas bases, a começar pela estruturação de cada individualidade. Para que o encontro com o outro se torne possível em sua magnitude, relação é estabelecida com quem se tem afinidades reais e profundas, enxergando-se tanto os pontos fortes quanto os fracos de quem se ama apaixonadamente.

O amor contemporâneo perspectiva, em sua lucidez, a impossibilidade da fusão romântica, do encontro com a outra “metade” que resolverá as carências internas, amor consolidado pela amizade, pelo respeito à própria individualidade e à do outro. Saramago oferece uma nova maneira de amar. Amor que conhece as próprias limitações. Amor apaixonado, mas consciente de que tem o pé no chão da realidade. Amor que perspectiva o próprio ser em sua auto-estima

DEPARTAMENTO DE LETRAS

para depois se estender ao outro, sem abdicar da possibilidade da mudança inerente à própria vida. O mundo carece de uma razão lúcida, que começa pelo autoconhecimento, associado ao amor e à compaixão. Compaixão significa tomar posição *com* o outro em horas de infortúnio, disposição ativa para a amizade, vontade de estar ao lado do outro.

A tarefa humana em sua busca de um amor mais amadurecido exige a aprendizagem de fazer da paixão um caminho para a conscientização de um viver mais pleno. Vênus e Marte carecem de se integrar a Psique e Eros. O amor deve estabelecer suas bases conjugando a paixão e a amizade a uma nítida percepção de si, do outro e da sociedade, tripés que se entrelaçam na busca de clareza. O ser humano precisa, na vida, tanto de individualidade – de Psique – quanto de um relacionamento com uma determinada pessoa – de Eros. Mas precisa, acima de tudo, de cuidar de seu mundo interior com a *lucidez* de quem se vê capaz de amar e de matar, extremamente consciente de que é responsável pelo caminho escolhido. Essa compreensão termina por se estender ao outro, aos outros, abraço fraterno de *olhos lúcidos* de alguém que *sabe* amar e, por isso, aconselha a que cuide do próprio sentimento. O cuidado é, portanto, uma possibilidade de resgate do humano; mais que um ato, é uma atitude de amor. Saramago *ensaia* o tempo do amor-cuidado, do zelo para com o outro. A mulher do médico é um *sim* à vida, consciente do bem e do mal e de como se tocam intimamente, um *sim* egoísta, generoso, cósmico. Não há cobranças, há sintonia, amadurecimento e eleição de uma pessoa com quem se estabelece laços fortíssimos de companheirismo. Não há paixão avassaladora, há sensualidade e erotismo (sexo), há cumplicidade, afeto, ternura, respeito e amizade. Será isso o amor? Em Saramago e em Torga, o encontro com o eu efetiva o encontro com o outro, com os outros, construindo um novo mundo a partir de laços afetivos. Junto ao sentimento, a razão sábia.

Vênus é a grande deusa da paixão, provocando frêmito pelo corpo, esfriando o fogo e aquecendo a frieza da própria neve, como nos ensina Camões, pura magia e sedução. Marte é também deus, guerreiro, poderoso em sua força ligado à natureza, às plantações, senhor das tempestades, deus das bênçãos e da guerra. Assinala a vida instintiva humana, comandada pelos impulsos, pela paixão. Psi-que é bela, mas humana, filha de pais mortais, preparada para a sim-

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

plicidade da vida. Eros é grande força, princípio de vida, filho de deuses, ele mesmo um deus que, no entanto, se liga a uma mortal pelo afeto que lhe tem, tentando despertar nela igual sentimento, sem a adoração devida a um deus. Quer essa mulher como homem que é. Vênus vive com Marte o amor fora da legalidade do matrimônio, deixando-se enlaçar por outros braços. Psique busca um único par, cuja face, mesmo com medo, ousa iluminar, conhecer. Não há adoração pela imagem do outro, há cuidado.

É preciso resgatar Psique e Eros, seu matrimônio fecundo. O homem que buscar sempre o amadurecimento pessoal, vivenciando, portanto, a condição de deus, consegue viver o amor como impulso ascensional. A andança de Psique eternamente se refaz em cada ser humano, na busca por Eros. A abençoar essa trajetória, Marte e Vênus, amadurecidos, integrados ao novo par amoroso, anseio humano não de completude mas de companhia pelos sinuosos caminhos da própria vida.

BIBLIOGRAFIA

- ABELAIRA, Augusto. *Enseada amena*. Amadora: Bertrand, 1971.
- ANGELIS, Bárbara de. *Paixão*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRANCO, Camilo Castelo. *A queda dum anjo*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s/d.].
- . *Amor de perdição*. São Paulo: FTD, 1992.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 3v. Petrópolis: Vozes, 1991.
- BRANDEN, Nathaniel. *A psicologia do amor*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1998.
- BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): história de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Ed. organizada por Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto, 1974.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

———. *A lírica de Camões*. Seleção, apresentação e notas de Izeti Fragata Torralvo e Carlos Cortez Minchilli. São Paulo: Ateliê, 1998.

CARDOSO, Sérgio et alii. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s/d.].

GIKOVATE, Flávio. *Falando de amor. Dificuldades do amor – estudo sobre o comportamento amoroso*. São Paulo: Círculo do Livro, [s/d.].

———. *Ensaio sobre o amor e a solidão*. São Paulo: MG Editores Associados, 1998.

HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s/d.].

JOHNSON, Robert A. *We: a chave da psicologia do amor romântico*. São Paulo: Mercuryo, 1997.

NAMORA, Fernando. *O homem disfarçado*. Rio de Janeiro: Nórdica, [s/d.].

NEEDLEMAN, Jacob. *Sobre o amor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

PAZ, Octávio. *A dupla chama - amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

PLATÃO. *Diálogo, Menon, Banquete, Fedro*. Rio de Janeiro: Ediouro, [s/d.].

QUEIROZ, Eça de. *A ilustre casa de Ramires*. Porto: Lello e Irmão, 1980.

ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o ocidente*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

TÁVOLA, Artur da. *Do amor: ensaio de enigma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

TORGA, Miguel. *Antologia poética*. Coimbra: Coimbra, 1994.